



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade

Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 512-526, ago./dez. 2020

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

---

## ESCOLARIDADE E PRECONCEITO LINGUÍSTICO: um estudo de caso no ambiente de pós-graduação<sup>1</sup>

### SCHOOLING AND LINGUISTIC PREJUDICE: a case study in the mastering environment

Mayara Tonett Galiassi Scheid Weirich

#### RESUMO

Este trabalho visa refletir a existência de preconceito linguístico no ambiente acadêmico de pós-graduação e a constatação, através de teste de percepção a partir das frases lançadas por Marcos Bagno, no artigo escrito para o livro **12 faces do preconceito** de organização de Jaime Pinsky, de que ainda subsiste na sociedade. Propõe estudo de caso com entrevista semiestruturada e baseia-se na teoria da Sociolinguística, em Marcos Bagno, Louis-Jean Calvet, Stella Maris Bortoni-Ricardo e Neusa Inês Philippsen, dentre outros. Concluiu-se que, em pleno século XXI, existe preconceito linguístico em ambientes altamente cultos e monitorados, revelando que tal preconceito está longe de se findar.

**Palavras-chave:** Preconceito linguístico. Sociolinguística. Ambiente acadêmico-científico.

#### ABSTRACT<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Este artigo é um trabalho de conclusão da disciplina de Diversidade e Variação Linguística, ministrada pela Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen, no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Letras (PPGLetras), na Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), câmpus universitário de Sinop, 2019/2.

<sup>2</sup> Resumo traduzido por Joelinton Fernando de Freitas. Professor interino de língua inglesa do curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Mestrando em Letras (Linguística Aplicada) no PPG Letras pela mesma instituição.

This article intends to reflect the existence of linguistic prejudice in the graduation course environment and the observation, through a perception test based on the sentences released by Marcos Bagno, in the book **12 Faces of Prejudice** organized by Jaime Pinsky, that it still exists in society. It proposes a case study with semi-structured interview and is based Sociolinguistics theory, based in Marcos Bagno, Louis-Jean Calvet, Stella Maris Bortoni-Ricardo and Neusa Inês Philippsen, among others. In conclusion, we note that in the 21st century, there is linguistic prejudice in highly cultured and monitored environments, revealing that such prejudice is far from over.

**Keywords:** Linguistic prejudice. Sociolinguistics. Academic-scientific environment.

Correspondência:

**Mayara Tonett Galiassi Scheid Weirich.** Bacharela em Direito pela Universidade de Cuiabá – UNIC, campus Aeroporto em Sinop/MT (UNIC). Professora na Universidade de Cuiabá (UNIC), Unidade em Sinop/MT. Mestranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus de Sinop/MT. Integrante do Grupo de Pesquisa Educação Científico-tecnológico e Cidadania (GPECTC). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: [mayaraweirich@gmail.com](mailto:mayaraweirich@gmail.com)

Recebido em: 8 de junho de 2020.

Aprovado em: 5 de agosto de 2020.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4029/2808>

## 1 INTRODUÇÃO

Antes de falar sobre preconceito linguístico, é necessário uma breve contextualização do preconceito como um todo. Preconceito, pelo Dicionário Houaiss (2010, p. 620), possui duas definições: “1. julgamento ou opinião concebida previamente, e 2. opinião formada sem fundamento justo ou conhecimento suficiente.”

A partir das definições acima, preconceito é uma ideia pré-concebida, sem constatação alguma, que despreza outros pontos de vista, na maioria das vezes, resultado da intolerância ou ignorância das pessoas.

Para compreender o preconceito, é importante, também, como afirma Marli Quadros Leite (2008), diferenciar preconceito e intolerância linguísticos. Intolerância, nas palavras de Leite (2008), é a atitude de não admitir opinião divergente e, por isso, à atitude de reagir com violência ou agressividade a certas situações.

Há diversos tipos de preconceito existentes, tais como: racial, religioso, social, sexual, econômico, étnico, e o linguístico. Este último, por sua vez, é o objeto de nosso estudo, ou seja, a discriminação sem fundamento contra uma variedade linguística diferente, ou ainda, a discriminação entre os falantes de um mesmo idioma, em razão de suas variedades da língua. Basicamente, é o julgamento de forma depreciativa do modo como alguém fala.

Conforme Javier Medina López (2002, p. 13), no Brasil existem duas línguas oficiais: Língua Portuguesa - LP e Língua Brasileira de Sinais – Libras e mais de 200 línguas não oficializadas, tidas como minoritárias. Dada a vasta extensão territorial, aos processos de migração para a colonização do país e as múltiplas culturas existentes, já é de imaginar que o Brasil possui uma quantidade gigantesca de variações linguísticas, dispendo como base a norma culta da Língua Portuguesa.

É uma verdadeira utopia pensar que a norma-padrão é a falada e escrita por todos. A verdade é que a norma-padrão é praticamente inatingível, isto porque ela não faz parte da língua falada. E em textos escritos ela é encontrada naqueles com alto monitoramento estilístico, em que poucos são isentos de inovações linguísticas da língua falada brasileira. Como o próprio escritor Marcos Bagno (2015, p. 12-13) afirma, tem-se três focos em Sociolinguística:

(1) a *norma-padrão*, isto é, o modelo idealizado de língua “certa” descrito e prescrito pela tradição gramatical normativa – e que de fato não corresponde a nenhuma variedade falada autêntica e, em grande medida, tampouco à escrita mais monitorada

(2) o conjunto das *variedades prestigiadas*, faladas pelos cidadãos de maior poder aquisitivo, de maior nível de escolarização e de maior prestígio sociocultural, e

(3) o conjunto das *variedades estigmatizadas*, faladas pela imensa maioria da nossa população, seja nas zonas rurais, seja nas periferias e zonas degradadas das nossas cidades, onde vivem os brasileiros mais pobres, com menor acesso à escolarização de qualidade, desprovidos de muitos de seus direitos elementares.

Marcos Bagno (2015) afirma também que o preconceito linguístico é invisível, pois quase ninguém o percebe e muito menos reconhece sua gravidade, pelo

contrário, é alimentado diariamente em programas de rádio e televisão, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que ditam o que é “certo” e “errado”.

Dentro deste contexto, sabe-se que determinadas regiões do país sofrem mais preconceitos do que outras, dadas as características socioculturais e econômicas, bem como, as variedades linguísticas serem mais estigmatizadas. Uma delas é a região nordeste. Vários estudos e manuais evidenciam a variação presente entre os nordestinos e, especificamente, do Estado do Maranhão.

É fato que tal população é falante de uma variedade linguística peculiar e, em razão disso, é mais facilmente atacada por intolerantes e ideológicos linguísticos. Além disso, autores como Bagno (2015; 2007), Bortoni-Ricardo (2011) e outros sociolinguistas ensinam que devem ser levados em consideração diversos fatores extralinguísticos para a presença das variedades faladas, tais como: sexo, idade, escolaridade, renda per capita, mercado de trabalho, origem geográfica, entre outros.

Nessa premissa, em locais em que encontram menor escolaridade, haveria maior preconceito e discriminação linguística em comparação a outros ambientes mais escolarizados. Neste contexto, o presente artigo buscou realizar um estudo de caso dentro do ambiente acadêmico-científico, em nível de pós-graduação – Mestrado, a fim de constatar se, neste local em que há monitoramento linguístico e nível de escolaridade superior, há a presença de preconceito linguístico no século XXI.

Para essa análise, apresenta um estudo de caso, com entrevista semiestruturada de uma acadêmica de pós-graduação em Letras-Linguística e a realização de um teste de percepção com diversas pessoas do ambiente acadêmico, de forma anônima pela plataforma do *Google Forms*.

O objetivo foi entender e constatar se nesse ambiente existe preconceito linguístico e comparar as respostas do teste de percepção baseado nas titulações de Bagno no artigo escrito para o livro **12 faces do preconceito**, organizado por Jaime Pinsky (2014) com as respostas atuais, para análise e conclusões finais.

Este estudo sobre linguagem está inscrito na perspectiva teórica da Sociolinguística, fundada nos trabalhos de Marcos Bagno (2007; 2014; 2015), Louis-Jean Calvet (2002), Stella Maris Bortoni-Ricardo (2011) e Neusa Inês Philippsen (2016), dentre outros.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO E METODOLOGIA DA PESQUISA

Entender o contexto da pesquisa científica é firmar as bases dos resultados a partir do entendimento dos fatores socioeconômico-culturais que a permeiam, de forma que os resultados de análise sejam facilmente entendidos a partir da consideração de tais fenômenos.

A pesquisa foi realizada no Município de Sinop, ao norte do Estado de Mato Grosso, cidade considerada polo educacional, a 500 km da capital do Estado, Cuiabá, na Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT, instalada nesta urbe há 29 anos e oferece cursos de graduação e pós-graduação, e, dentre elas, a pós-graduação em Letras a nível de Mestrado Acadêmico.

Contextualizado o local da entrevista, passa à entrevistada. A entrevistada é mulher, de 24 anos, formada em Letras e pós-graduanda do PPGLetras. É natural do Maranhão e mudou para Sinop com a finalidade acadêmica/estudos.

A escolha deste sujeito deu-se em razão do seu sotaque variacionista bem marcado e a entrevistada estar no ambiente acadêmico-científico a nível de pós-graduação, objeto do presente estudo.

A entrevista foi realizada em 28/10/2019, em Sinop, para suprir as exigências de um seminário acadêmico na disciplina de Diversidade e Variação Linguística, ministrada pela professora Dra. Neusa Inês Philippsen.

Da fala da entrevistada surgiu a latente necessidade de explorar a questão do preconceito linguístico, razão pela qual foram refeitos alguns questionamentos e os recortes foram selecionados com base nos teóricos da Sociolinguística, já citados anteriormente, os quais serão demonstrados adiante.

A segunda parte da pesquisa foi a realização de um teste de atitudes positiva e negativa baseado nos 04 mitos trazidos por Marcos Bagno (2014) na obra mencionada, cujas perguntas foram feitas de forma estruturada, através da plataforma *Google Forms*, em um questionário de múltipla escolha, no qual as respostas possuem 05 escalas, sendo que 1 e 2 são positivas, 3 é neutra e 4 e 5 são negativas.

Tal metodologia foi escolhida com base nas atitudes positivas e negativas trazidas por Calvet (2002), quando o autor afirma que, em face da variação

linguística, **tem** atitudes de rejeição ou de aceitação, que não tem, necessariamente, influência sobre o modo de expressão dos falantes, mas que certamente **tem** influência sobre o modo com que percebem o discurso dos outros.

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E ANÁLISE DOS RECORTES DA ENTREVISTA REALIZADA – PRECONCEITO LINGUÍSTICO A NÍVEL ACADÊMICO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

No artigo escrito para o livro **12 faces do preconceito**, organizado por Jaime Pinsky (2014), Marcos Bagno traz de forma concisa 04 dos 08 mitos linguísticos que o autor também trabalha em sua obra **Preconceito Linguístico** (2015), quais sejam: 1) “Brasileiro não sabe português/Só em Portugal se fala bem português”; 2) “Português é muito difícil”; 3) “As pessoas sem instrução falam tudo errado” e 4) “O certo é falar assim porque se escreve assim”.

Baseado nesses 04 mitos, foi realizado através da plataforma *Google Forms* um questionário de múltipla escolha estruturado, no qual as respostas possuem 05 escalas, em que 1 e 2 são positivas, 3 é neutra e 4 e 5 são negativas, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 01 - Escala de respostas entrevista estruturada – percepção

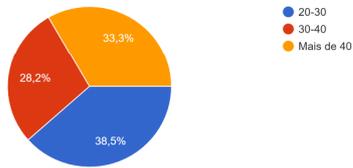
-  Concordo totalmente
-  Concordo parcialmente
-  Nem concordo nem discordo
-  Discordo parcialmente
-  Discordo totalmente

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2019)

O questionário foi aplicado a 39 pessoas, com idades e escolaridades variadas, conforme os gráficos explicativos abaixo:

Gráfico 02 - Perfil etário dos entrevistados

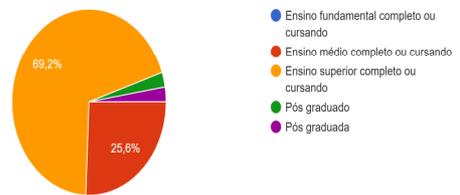
QUAL É, APROXIMADAMENTE, A SUA IDADE?  
39 respostas



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2019)

Gráfico 03 - Grau de escolaridade dos entrevistados

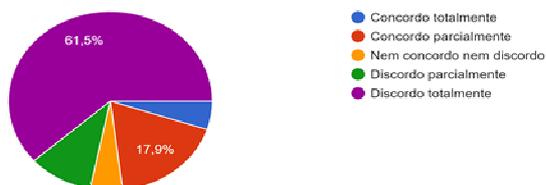
QUAL SEU GRAU DE ESCOLARIDADE?  
39 respostas



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2019)

Para a primeira pergunta, foi lançado como afirmativa o Mito “Brasileiro não sabe falar português! Só em Portugal se fala bem o português!”, em que a maioria das respostas foi “Discordo totalmente”, como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 04 - Resultado Mito 01

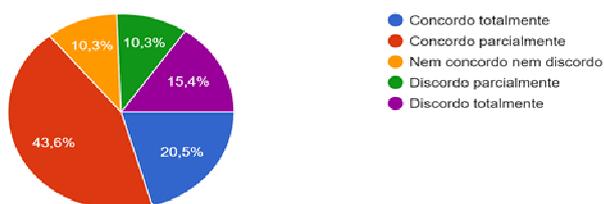


Fonte: Arquivo da pesquisadora (2019)

Das respostas acima constata-se que mais da metade dos entrevistados discordam da afirmativa do Mito apresentado por Bagno e, em contrapartida, acreditam que o brasileiro sabe falar o português.

Para a pergunta seguinte, foi utilizado o Mito “Português é muito difícil”, em que mais da metade das pessoas concordaram com tal Mito e afirmativa, dessa forma, para elas, português é muito difícil.

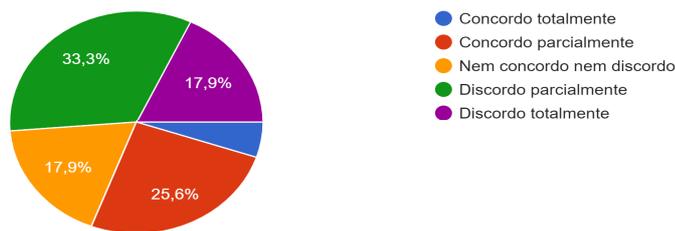
Gráfico 05 - Resultado Mito 02



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2019)

Na terceira afirmativa para o questionário, foi utilizado o Mito “As pessoas sem instrução falam tudo errado”, na forma mais simplificada da afirmação “Pessoas que não estudam falam tudo errado”, curiosamente, mais da metade das respostas discordaram de tal afirmação, ou seja, de que quem não estuda não fala “errado”.

Gráfico 06 - Resultado Mito 03



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2019)

Conforme acima, esse entendimento é justamente a constatação de diversas pesquisas variacionistas, pois a variação não é exclusiva dos falantes não escolarizados (BAGNO, 2007). Segundo o autor, a situação está não só no preconceito linguístico, mas sim no preconceito social, ligado às questões de estigma e prestígio. E o que isso quer dizer? Conforme palavras de Bagno (2007, p. 76-77, grifo do autor):

Quer dizer que as formas linguísticas vão ser julgadas e avaliadas de acordo com os juízos e valores sociais atribuídos a quem se serve delas. [...] Assim, quanto mais alto estiver a pessoa na escala socioeconômica (e também quanto mais elevado for o seu grau de escolarização), maior será o prestígio atribuído à sua maneira de falar. Do mesmo modo, e inversamente, o menos prestígio social de determinados falantes vai ser correlato da visão pejorativa e depreciativa com que seu modo de falar será avaliado.

E é por isso que Bagno (2007, p. 77, grifo do autor) continua informando que:

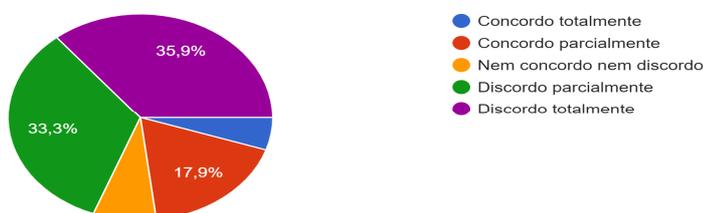
[...] aquilo que para o sociolinguista representa apenas “diferença” no uso da língua, para as pessoas em geral vai representar, de fato, um “erro”, um “defeito”, um sinal de “ignorância”. Por isso, venho repetindo que **onde tem variação sempre tem também avaliação**.

Tal situação fica evidente quanto ao preconceito linguístico pois, quando se avalia uma variação, não é necessariamente a variação da língua que está em

avaliação, mas sim a pessoa que está usando a língua, ou seja, a “avaliação é essencialmente social” (BAGNO, 2007).

Para a última questão do formulário de entrevista, foi utilizado o Mito “O certo é falar assim porque se escreve assim”, na forma mais simplificada da afirmação “Temos que falar do jeito que escrevermos”, cujas respostas novamente surpreenderam, em que mais de 68% das respostas dos entrevistados discordaram de tal afirmação, ou seja, entendem que não se deve falar do jeito que se escreve.

Gráfico 07 - Resultado Mito 04



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2019)

Em uma simples análise do questionário de percepção realizado, verifica-se que as perguntas número 01, número 03 e número 04 tiveram resultados diferentes do que supostamente afirmam as falas preconceituosas trazidas no livro citado.

Não obstante a essa situação interessante, que, muito provavelmente, teve esses resultados em razão dos sujeitos entrevistados (classe de prestígio, já que se tratam de estudantes universitários, de maior escolaridade, classe social etc.), todavia, nesse contexto, o que chama a atenção para a presente pesquisa é a resposta da enquete número 03, em que 51,2% dos entrevistados discordam da afirmação “pessoas que não estudam falam tudo errado”, cuja interpretação oposta seria, “pessoas que não estudam não falam errado”, num aparente reconhecimento e aceitação das variedades linguísticas do Brasil, já a outra metade dos entrevistados não faz, necessariamente, tal reconhecimento e aceitação.

Além disso, neste mesmo ambiente pesquisado – acadêmico/científico – fora realizada a entrevista semiestruturada com a acadêmica oriunda do Maranhão, que possui o sotaque da variação bem sinalizado em sua fala e, contrariamente ao resultado da enquete acima de discordância, foi constatada a presença de intenso preconceito linguístico contra a variação nordestina falada pela mestrandia.

Sem adentrar ao mérito de “certo” e “errado”, já que a premissa é que claramente tais definições não existem na língua e, sim, há inadequações frente à norma-padrão da Língua Portuguesa, ainda há as marcas de um pensamento antigo de que a escolaridade está ligada ao falar “adequado à norma culta”, neste contexto usado como “correto”, o que fica evidente na resposta da pergunta 03 do teste de percepção acima.

Logo no início da entrevista com a acadêmica, foi-lhe perguntado se alguém já havia corrigido o seu jeito de falar, e a resposta foi afirmativa e explicativa, conforme se pode ver na transcrição da fala abaixo:

**(01) Pergunta pesquisadora:** É, alguém, se alguém já corrigiu o meu jeito de falar:

**(02) Discente entrevistada:** Sim, inclusive atualmente também eu tenho vivenciado algumas situações em que as pessoas acham que têm o direito de me corrigir, acham que eu estou falando errado simplesmente porque eu vim de outra região. Não sei se é pelo fato de não entenderem porque eu falo muito rápido ou algo, de repente, alguma palavra que eu uso que é característica de lá, mas eu não sei o que que acontece realmente com essas pessoas que elas acham que têm o direito de te falar que eu estou falando errado. (Grifos da pesquisadora).

Do trecho acima citado pode ser notado o quanto a correção feita pelas pessoas pela forma como a acadêmica fala é pejorativa e a incomoda, pois ela mesma indigna-se e afirma duas vezes, na fala acima, repetindo as palavras “direito” e “corrigir”. Ainda, a entrevistada vê sua variedade linguística como algo normal, já que acentua que é corrigida “simplesmente” porque veio de outra região.

No recorte citado, pode ser compreendido pelas palavras utilizadas que a entrevistada claramente sofre, de forma velada, preconceito linguístico pela variedade que fala.

Sendo assim, conclui-se da fala da entrevistada que, se a corrigem, é porque ainda passa na mente das pessoas a noção de “certo e errado”, conforme a qual seria um “erro” falar diferente da norma-padrão da Língua Portuguesa. Tal assunto já foi objeto de vários manuais de Sociolinguística e Marcos Bagno (2015, p. 45) traz de forma muito clara que, do ponto de vista científico, simplesmente não existe erro

de português. Segundo o autor, ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar.

A noção de erro advém da tentativa de igualar a oralidade com a escrita normativa, padronizada através da norma-padrão, disciplinada em dicionários e gramáticas. E isto jamais acontecerá, justamente porque a língua é viva e mutável, produto do contato humano de diferentes culturas, lugares e tradições. O mais interessante é observar que mesmo na língua oral, todas as formas de expressão verbal têm organização gramatical, ou seja, seguem regras e têm uma lógica linguística demonstrável, de forma que, “nada na língua é por acaso” (BAGNO, 2007, p. 73).

Em outro momento da entrevista, como visto, ao ser questionada se a entrevistada já sentiu vergonha pelo jeito que fala, e a resposta foi categórica ao afirmar que nunca sentiu vergonha. Percebe-se um sentimento de identidade regional na entrevistada, que fez questão de complementar sua fala ao reiterar com muito orgulho suas origens, sua região e seu amor por sua terra, conforme se pode ver abaixo:

**(01) Pergunta pesquisadora:** Você já sentiu vergonha de falar do seu jeito?

**(02) Discente entrevistada:** Não, eu nunca senti, inclusive desde o momento que eu cheguei aqui eu fiz questão de deixar bem claro que eu vim do Maranhão, que eu sou maranhense e sou nordestina, eu nunca tive problema com isso, inclusive eu tive, entrei em algumas divergências com outras pessoas que vieram do nordeste, inclusive lá do Maranhão, que as pessoas de alguma forma se sentiam oprimidas pela sua forma de falar, a sua forma de se vestir, de se portar e elas escondiam de onde elas eram e eu não tenho, não, nunca tive problema algum dizer que eu sou maranhense, eu amo ser do Nordeste e eu amo as minhas origens. (Grifos da pesquisadora).

A própria fala que enaltece e reforça suas origens já revela a existência, sim, um grito interno sendo abafado pelo preconceito em seu ambiente acadêmico, tanto é verdade que ela fez questão de repetir de onde vem.

No último recorte da entrevista, foi perguntado à entrevistada em que situações sentiu vergonha do que lhe falaram, momento em que ela pode revelar

situações vivenciadas que emanaram evidente preconceito linguístico em razão da variação falada.

**(01) Pergunta pesquisadora:** Em que situação você já sentiu vergonha do que te falaram?

**(02) Discente entrevistada:** Então, quando eu cheguei aqui, eu fui trabalhar numa escola do município e por diversas vezes ouvia histórias assim maldosas em relação ao nordeste, mais específico do Maranhão, que pessoas falando, professores, que tipo não deveriam nem falar aquilo, que lá só tinha índio, que a gente fala errado, que a maioria do pessoal que sai do Nordeste só para trabalhar nas cozinhas dos outros, nas fazendas, e isso não é verdade, porque assim quem tem condições não vai sair de lá [...] eu saí porque, porque eu tive a oportunidade, primeiro, e por que, também, eu não, eu queria conhecer outros lugares, então Sinop foi o lugar que me abriu as portas e eu vim, não com o intuito de ficar aqui, inclusive eu tenho vontade de voltar, mas a gente sabe que os caminhos da gente, eles vão sendo trilhado e a cada dia que passa tô ficando raízes aqui, então eu já tô começando a pensar diferente, não sei se, se eu voltaria, mas eu pretendo sim voltar, até porque eu não consigo ficar mais tempo longe da minha família e só queria expressar aqui minha extrema tristeza em relação ao que a mídia mostra, porque a mídia só mostra o lado ruim do Nordeste. Não mostra as questões de crescimento, da economia, PIB, que lá tem ótimas cidades. Então, o Nordeste Tem sim muitas coisas boas. (Grifos da pesquisadora).

Deste último recorte, resta clara a necessidade interna da entrevistada de informar que muito do preconceito vem em razão do discurso midiático, já trazido nos livros de Marli Quadros Leite (2008), e ao final fez questão de conscientizar, a quem essa entrevista alcançar, sobre a valorização do local de sua origem e do discurso contra o preconceito.

Assim, na pesquisa, ficou demonstrado que ainda em ambiente altamente monitorado e de conhecimento científico elevado, ou seja, alto grau de escolarização, há práticas preconceituosas que vão muito além só do linguístico, que atingem e machucam as pessoas cujas falas são travestidas de uma

superioridade 'inexistente' na tentativa de igualar a língua falada à língua padrão, o que já foi provado cientificamente ser impossível.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa analisou um estudo de caso com uma acadêmica de uma universidade do estado de Mato Grosso inserida em uma cidade ao norte do Estado conhecida como polo universitário, em que são ofertados cursos de pós-graduação – Mestrado, sob o viés do preconceito linguístico.

Em segunda análise, foi realizado um teste rápido de atitude linguística, assim como descrito por Calvet (2002), a partir dos títulos expostos no capítulo redigido pelo professor e sociolinguista Marcos Bagno (2014), no livro “**12 faces do preconceito**”, de organização de Jaime Pinsky. Como resultado foi verificado que muitas das sentenças foram respondidas com negatividade, fazendo supor uma diminuição do preconceito linguístico no país, ao menos entre os sujeitos altamente escolarizados.

No entanto, a partir da fala da entrevistada, se viu que a situação é verdadeiramente mascarada ao responder o teste de percepção. Em um primeiro momento, houve repúdio ao preconceito linguístico, mas, na prática, existe e é praticado diariamente, possivelmente, pelas mesmas pessoas que responderam o teste de percepção.

Foi constatado, dessa forma, que, em ambiente altamente monitorado e intitulado como “culto” e de elevado nível técnico-científico, como o ambiente acadêmico de pós-graduação, ainda existem episódios alarmantes de preconceito linguístico a determinadas regiões e variações linguísticas em pleno século XXI, provando, assim, que há o preconceito em todos os níveis sociais/culturais/econômicos nos dias atuais.

A própria fala da entrevistada volta-se, também, a outros preconceitos, a teor do preconceito ao índio, pois ela mesma afirma que sendo do Maranhão já ouviu pessoas dizerem de forma pejorativa ao seu Estado que “lá só tem índio” [sic], como se índio fosse algo ruim, que o Maranhão fosse algo ruim e que, portanto, os índios estão no Maranhão, revelando os níveis de preconceitos existentes no nosso país.

Conclui-se, portanto, que o preconceito linguístico não está presente somente em ambientes de minorias sociais, culturais e econômicas, mas também em ambientes tidos como “cultos”, de capacitação “técnico-científica”, como o ambiente acadêmico de pós-graduação, revelando a infeliz constatação de que ainda se tem muito a difundir sobre as variações linguísticas do Brasil e apresentar a Sociolinguística ao povo brasileiro.

E, por fim, façamos das palavras do prof. Marcos Bagno (2015, p. 19) nossas palavras: “como é fácil de ver, a luta está apenas começando”.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. ed. rev. e aum. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAGNO, Marcos. Linguístico. *In*: PINSKY, Jaime (org). **12 faces do preconceito**. 11. ed. São Paulo, Contexto, 2014. p. 59-66.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. Nada por acaso, um olhar sobre inquietações sociolinguísticas contemporâneas. [Entrevista cedida a] Neusa Inês Philippsen e Leandra Ines Seganfredo Santos. **Revista de Letras Norte@mentos**, Sinop, v. 9, n. 20, 2016, p. 203-219. Acesso em: 23 out. 2019.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola, 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 5 de outubro de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 18 fev. 2020.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

LÓPEZ, Javier Medina. **Lenguas en contacto**. 2. ed. Madrid: Arco Libros, 2002.

*Revista Even. Pedagog.*

Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade  
Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 512-526, ago./dez. 2020

**PRECONCEITO.** *In: Minidicionário Houaiss da língua portuguesa.* Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. 4 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.